

EDITORIAL

A CONTRAPONTOS inicia o ano de 2012 trazendo aos seus leitores uma edição especial focalizando os entrelaçamentos entre a tecnologia, a aprendizagem e o conhecimento. A escolha do tema decorre do grande interesse que os profissionais de Educação têm demonstrado em fazer uso da tecnologia como instrumento para inovar e aprimorar os processos educativos.

Desde o momento da divulgação da chamada desta edição especial já pudemos perceber que o volume de pesquisadores que atuam neste tema é bastante significativo. Recebemos um número elevado de submissões, as quais foram criteriosamente avaliadas com uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo pesquisadores experientes em Educação, em áreas ligadas à Tecnologia.

Deparamos-nos atualmente no Brasil com uma situação um tanto paradoxal. Se por um lado existe o interesse e a necessidade de que se amplie o uso eficiente e contextualizado de tecnologia nas atividades educacionais manifestado por diversas iniciativas do Ministério de Educação e Cultura (MEC), em particular pelo programa PROINFO. Por outro lado existe um distanciamento entre os enfoques das pesquisas conduzidas pelos produtores de tecnologias educacionais (em geral associados a cursos de Computação e Engenharia) e os utilizados pelos pesquisadores da área de Educação.

As próprias comunidades científicas que conduzem pesquisas sobre Tecnologia na Educação, ao que parece, pouco dialogam entre si. A comissão especial de Informática na Educação, um ramo da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), organiza a mais de 20 anos eventos e possui um periódico com 15 anos de existência, no entanto possui uma interface quase nula com os eventos da área de Tecnologia Educacional organizados pela Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT). Da mesma forma, não dialogam com nenhum Grupo de Trabalho nos eventos da ANPED como, por exemplo, o GT de Educação e Comunicação. A realidade atual é que as pesquisas são geralmente conduzidas de forma isolada nestas comunidades e são exceções os pesquisadores que transitam em mais de uma delas.

A existência deste distanciamento impõe dificuldades para os pesquisadores e para o próprio desenvolvimento da área no país, em especial pela baixa representatividade dos pesquisadores como comunidade. Uma consequência natural desta situação é a ausência de fomento específico e sistemático. Excetuando algumas iniciativas direcionadas pelo MEC, são raros os recursos destinados ao fomento de pesquisa na área.

Buscamos nesta edição contribuir para a redução deste distanciamento, publicando artigos que apresentam enfoques diversificados e que abrangem essas diferentes comunidades. Adicionalmente, buscamos analisar uma experiência proveniente de outro país, não necessariamente a ser considerada ideal, mas para que se possa identificar e ponderar aspectos positivos e negativos. O *Department of Education* (DoE) dos Estados Unidos da América (EUA) divulgou em 2010 o Plano Nacional de Tecnologia Educacional. Neste documento identifica-se um enfoque para uso massivo da tecnologia nos processos educativos com o seguinte discurso:

“Atualmente os alunos estão rodeados por de tecnologia que lhes dá acesso móvel a informações e recursos 24 horas por dia 7 dias por semana, permite-lhes criar conteúdo multimídia e compartilhá-lo com o mundo, participar de redes sociais online, onde pessoas de todas as partes do mundo podem compartilhar ideias, colaborar e aprender coisas novas. Fora da escola, os alunos são livres para perseguir suas paixões em seu próprio modo e em seu ritmo próprio. As oportunidades são ilimitadas, sem fronteiras, e instantâneas.”

Neste sentido, nos interessou conhecer e apresentar aos leitores da Revista CONTRAPONTOS uma experiência proveniente de um programa de expressiva atuação nos EUA, chamado TELS (*Technology-Enhanced Learning in Science*) apoiado pela NSF (*National Science Foundation*). O artigo que abre esta edição foi um convite realizado à Dra. Marcia C. Linn para apresentar o Programa TELS, seus fundamentos e resultados. O artigo traz como coautoras Elizabeth Gerard e Mie Elissa Sato, todas da Universidade da Califórnia, em Berkeley. O TELS busca promover a aprendizagem do

pensamento científico (*inquiry learning*) em estudantes a partir de 10 anos até o nível universitário. É apoiado por um ambiente Internet chamado WISE (*Web-based Inquiry Science Environment*), o qual possui um acervo de atividades de aprendizagem em diversos idiomas. O artigo detalha o conceito de integração de conhecimentos como sendo um elemento chave para o desenvolvimento do pensamento científico e apresenta exemplos de atividades utilizadas e seus resultados, amplamente apoiados em estudos empíricos.

Na sequência temos o artigo de Albano Goes Souza e Ronaldo Nunes Linhares, que focaliza a formação de professores para uso das TICs, analisando as matrizes curriculares das licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Com enfoque similar, Elbênia Marla Ramos Silva apresenta no artigo *TIC na Educação: Análise Preliminar dos Novos Saberes da Formação Docente nas Universidades de Sergipe*, um estudo das matrizes curriculares dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, a qual busca compreender com se inserem as TICs neste contexto.

Em seguida o artigo de Paula Mariza Zedu Alliprandini, Sandra Luzia Wrobel Straub, Vera Lúcia Vieira de Camargo e Tânia Pitombo Oliveira analisa os discursos construídos pelos educadores sobre o uso da tecnologia no seu fazer pedagógico nas escolas do Município de Sinop, MT. Foram entrevistados os professores e analisadas suas práticas nos laboratórios de informática, o que permitiu perceber práticas ainda voltadas para transmissão de informações. Finalizam indicando uma necessidade em melhorar a formação dos professores para que esses incluam o computador como ferramenta pedagógica.

Já o artigo de Kátia Morosov Alonso e Maria Auxiliadora Marques Vasconcelos focaliza a aprendizagem colaborativa com uso de TIC a partir de uma investigação realizada na rede pública municipal de Cuiabá. A pesquisa realizada com uma turma de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental evidenciou que os sujeitos relevam o uso das tecnologias da informação e comunicação na prática docente e na escola. Enfatizam ainda a importância da proposta pedagógica da escola para promover um efetivo envolvimento dos alunos.

O artigo de Rita de Cássia Grecco dos Santos, Rita Melânia Webler Brand e Maristani Polidori Zamperetti focaliza aspectos da cultura digital na infância e seus desdobramentos no ambiente escolar. O trabalho problematiza a articulação de novos modos de pensar, ser e agir nestes tempos de transição paradigmática, sinalizando alguns dos principais dilemas contemporâneos na educação, com destaque à apropriação das novas tecnologias nos processos educativos e de escolarização.

O artigo seguinte, de Ana Margô Mantovani, Luciana Backes e Bettina Steren dos Santos, apresenta uma pesquisa do potencial pedagógico dos Mundos Virtuais em 3D (MDV3D), denominados metaversos. A partir de um estudo de caso, foi investigado o potencial pedagógico dos MDV3D na formação dos educadores em cursos de licenciaturas em Computação, Física e Pedagogia, apresentando uma experiência prática desenvolvida no ambiente *Second Life* (SL).

Na sequência, o artigo de Dulce Marcia Cruz, Daniela Karine Ramos e Rafael Marques de Albuquerque analisa o que as crianças e os jovens têm a dizer sobre aprendizagem por meio de jogos eletrônicos. Os autores conduziram uma pesquisa exploratória com estudantes de escolas de Santa Catarina para conhecer suas opiniões e suas ideias sobre jogos eletrônicos. Concluem indicando a existência de uma aceitação dos jogos eletrônicos, reforçando seu potencial para aprendizagem, desde que sua inclusão na escola esteja pautada num planejamento que privilegie a mediação pedagógica.

Rosimeire Martins Régis Santos e Maria Cristina Lima Paniago Lopes trazem uma pesquisa muito original, buscando analisar as concepções de alunos universitários indígenas sobre o uso das tecnologias e de redes sociais. Foram analisadas as discussões estabelecidas por meio de um *blog*, por meio do qual foi possível perceber que os alunos indígenas reconhecem a necessidade de conhecer, entender, familiarizar-se às tecnologias que emergem no nosso cotidiano, no sentido de utilizá-las adequadamente e criticamente nos âmbitos pessoal, profissional, social e educacional.

Em seguida o artigo de Leandra Anversa Fioreze e Simoni Timm Hermes identifica a existência de uma racionalidade didática na formação docente, com ênfase no uso de tecnologias. Para isso, o artigo analisa a inserção das TICs na formação de educadores especiais, num curso na modalidade a distância utilizando como embasamento Estudos Foucaultianos em Educação.

O artigo seguinte, de Teresa Kazuko Teruya e Samilo Takara, analisa o recurso *Blog* na produção de conhecimento escolar. O estudo analisa pelas lentes dos Estudos Culturais e na perspectiva foucaultiana as interdições e a vontade de verdade dos discursos pedagógicos dos participantes. Concluem que o falante com receio de ser silenciado fica mais à vontade no *blog* para defender suas posições baseadas em seu arcabouço teórico e suas vivências permeadas pelas condições social, histórica e cultural como parte de seu discurso.

O artigo que fecha esta edição da CONTRAPONTOS, de autoria de Marilda Aparecida Behrens, Patrícia Lupion Torres e Elizete Lúcia Moreira Matos, questiona: Como ficam as escolas nas cidades digitais? O artigo apresenta reflexões referentes aos impactos desafiadores das cidades digitais e o quanto os professores que atuam nas escolas de todos os níveis vêm considerando o advento da docência neste contexto. Elegeu-se a obra de Evandro Prestes Guerreiro (2006), denominada "Cidade digital: infoinclusão social e tecnologia em rede", para subsidiar as discussões. A experiência vivenciada na pesquisa-ação levou a perceber que não existem amarras e que há necessidade de agregar esforços de profissionais de todas as áreas dos conhecimentos, especialmente os professores que não podem mais fugir ao enfrentamento de acessar a rede informatizada e fazer uso dela para ensinar e para aprender. Em curto espaço de tempo, os alunos serão infoincluídos e passarão a exigir, também dos professores, essa inclusão digital.

A Comissão Editorial